

Da harpa cristã ao hip-hop gospel: como a música marca a identidade das Assembleias de Deus no Brasil

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa¹
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Esse trabalho pretende fazer um comparativo das mudanças culturais que passaram a igreja Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal da América Latina, com 22 milhões de membros no Brasil junto a sua cultura musical, que mudou da harpa cristã, hinário tradicional com músicas centenárias, cujas letras remetem a sofrimento, consolo e preocupações espirituais, passa pela novas músicas de mercado gospel da indústria cultural, onde a mensagem é de vitória financeira e chega até o hip-hop gospel, donde dentro de uma minoria da igreja denuncia as desigualdades sociais. com isso mostraremos que a musicalidade inerente da Assembleia de Deus reflete as mudanças culturais que estão passando.

Palavras-chave: pentecostalismo; musicalidade; mudança cultural; antropologia.

RODRIGUES DA COSTA, Otávio Barduzzi. Da harpa cristã ao hip-hop gospel: como a música marca a identidade das Assembleias de Deus no Brasil. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (18): 101-118, setembro a dezembro de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) onde é mestre em filosofia. Bacharel em Direito pela ITE-Bauru. Licenciado em filosofia pela IBRA. Licenciado em pedagogia pela FACOL. Doutorando em Educação, arte e História da Cultura pela Universidade Metodista Mackenzie.

From Christian harp to gospel hip-hop: how music marks the identity of the Assemblies of God in Brazil

Abstract: This paperwork intends to make a comparison of the cultural changes that went through the Assembleia de Deus church, the largest Pentecostal church in Latin America, with 22 million members in Brazil along with its musical culture, which changed from the Christian harp, traditional hymnal with centuries-old music, whose lyrics refer to suffering, consolation and spiritual concerns, passes through new gospel music from the cultural industry, where the message is of financial victory and reaches hip-hop gospel, where within a minority of the church it denounces social inequalities. With that we will show that the inherent musicality of the Assembly of God reflects the cultural changes that are going on.

Keywords: Pentecostalism; musicality; cultural change; anthropology.

Del arpa Cristiana al hip-hop evangelio: cómo la música marca la identidad de la Asamblea de Dios en Brasil

Resumen: Este trabajo pretende hacer una comparación de los cambios culturales que permearon la iglesia Asamblea de Dios, la iglesia pentecostal más grande de América Latina, con 22 millones de miembros en Brasil, junto con su cultura musical, que pasó del arpa cristiana, himnario tradicional con canciones centenarias, cuyas letras hacen referencia al sufrimiento, el consuelo y las inquietudes espirituales, pasa por las nuevas canciones góspel de mercado de la industria cultural, donde el mensaje es de victoria económica y llega al góspel hip-hop, donde una minoría de la iglesia denuncia desigualdades sociales. Con esto mostraremos que la musicalidad inherente a la Asamblea de Dios refleja los cambios culturales que están atravesando.

Palabras clave: pentecostalismo; musicalidad; cambio cultural; antropología.

A igreja Assembleia de Deus (ADs), maior igreja pentecostal da América Latina, com 22 milhões de membros no Brasil, não é uma instituição homogênea. A matriz que une culturalmente as ADs não é institucional como no catolicismo, nem segue teologias únicas, como acontece com a maioria das igrejas protestantes históricas. Apesar de haver uma ideologia semelhante e um hinário comum, cada congregação é única e se estrutura a partir de sua comunidade. Os estudiosos das ADs aceitam de modo unânime que existam mais diferenças do que unidades, como aquelas que se observam entre o assembleianismo urbano e o rural, por exemplo, ou entre o metropolitano e o interiorano, entre bairros e denominações. Apesar destas inúmeras diferenças, existem pontos comuns. Alencar (2013) os denomina como assembleianismos, ou seja, uma estrutura de pontos comuns que unem a matriz cultural assembleiana, como as crenças centrais, os hinos, a linguagem e principalmente cosmovisão de mundo.

O método escolhido foi a pesquisa de campo com inspiração etnográfica, envolvendo observações sistemáticas de espaços de culto e entrevistas em profundidade, orientadas por roteiros de entrevistas semiestruturados e previamente elaborados. Como sinalizado, realizar-se coleta de dados in loco, com a participação em cultos, realização de entrevistas com participantes, fiéis e pastores dentro das igrejas. As igrejas escolhidas para a pesquisa enquadram-se no conceito pentecostal tradicional.

O pentecostalismo clássico, por meio da Assembleia de Deus, é elemento importante deste estudo. Em especial, o assembleianismo como parte de uma identidade religiosa, baseada numa herança partilhada em memória coletiva quando se pertence ao grupo. É importante frisar, que os pentecostais tradicionais ou clássicos (ADs, Congregação cristã) não se confundem de maneira nenhuma com outros grupos de protestantes, sejam históricos, deuteropentecostais ou neopentecostais (ANTONIAZZI, 1994).

O protestante, em particular o pentecostal, não está imune às mudanças do mundo moderno, que influenciam sua identidade e memória. A modernidade causou impactos também na igreja protestante e na identidade de seus fiéis (WESTHELE, 1992). O pentecostalismo tradicional também se faz impactado. Hoje não é mais possível saber quem é o pentecostal e o assembleiano, o pertencente à igreja da Assembleia de Deus com facilidade.

A imagem tradicional do crente de terno e gravata em pleno calor tropical, com Bíblia debaixo do braço, ou da irmã de saias e cabelos compridos ainda existe, mas esse cenário tem mudado. Primeiramente, a aparência clássica evidenciava a ânsia em viver fora do mundo moderno, sem vaidade, sem participar das modas lançadas pelo capitalismo, sem televisão, sem esportes, ou seja, em um semi-isolamento psicoespiritual. Essa identidade tem relação com uma memória histórica que se encontra em plena extinção. Mas é a essa identidade, a esse tipo ideal do pentecostal a que este trabalho se refere, denominado pentecostalismo tradicional.

A cultura assembleiana é em parte caracterizada por valores anacrônicos em meio à urbanidade contemporânea, porém aos poucos muda e se adapta, aceitando alguns valores e estéticas dessa urbanidade. Esse movimento pode fazer emergir novas fronteiras culturais ou ocasionar a alteração de lugar das velhas

fronteiras, possibilitando a emergência de novas formas de adaptação religiosa ou a reformulações das antigas.

No entanto a música é parte fundamental de sua cultura.

Música, arte e corporalidade

As igrejas pentecostais são, normalmente, extremamente musicais, e há intensidade na presença da arte neste meio, especialmente entre sua juventude. A forma de adoração, por exemplo, é preenchida por musicalidade, além de haver o oferecimento de festas, momentos de convivência e lazer acessível, que o poder público não oferece. Nas músicas e nos cultos são constantes as expressões de que o jovem, em especial o da periferia, aquele que não é aceito pela sociedade, é amado pelo próprio Deus criador. Essa crença faz dele um convertido fiel, que inicialmente se dispõe a assumir a identidade do grupo, mesmo com seus comportamentos típicos.

Em seu sentido estético, a juventude pentecostal recém-convertida apresenta um constante conflito com as regras que estabelecem a padronização e a norma. Mas já existem unidades da Assembleia de Deus em que os jovens romperam com tais limites, especialmente com relação às vestes. A ADs já cedeu à pressão dos jovens, porém os conflitos estéticos musicais ainda existem. Recebem a constante orientação para não ouvirem músicas ditas santas. Recomendações que, recentemente, têm sido ignoradas. As igrejas tradicionais não permitem este uso, no entanto perdem fieis.

É interessante observar que, apesar dessas questões, não há conflito entre jovens que escolhem uma apresentação estética mais liberal e aqueles que escolhem a mais conservadora. Especialmente porque os jovens são estimulados a trabalhar no convite a outros jovens para conhecer sua igreja. Muitas vezes, jovens de ADs mais conservadoras, como a Assembleia de Deus Ipiranga, são convidados a assistir cultos das igrejas irmãs, e vice-versa. Nesses encontros não há condenação estética de um ou outro grupo e este discurso acaba mais restrito às escolas dominicais. Porém, não sem conflitos, assim como salienta GONDIN (2005: 3):

Ao experimentarem outras manifestações estéticas, por meio de acessórios, roupas e intervenções no corpo, os jovens provocam um embate com o setor da igreja que tem poder de disciplinar. Aqueles jovens que interpretam suas práticas e construção de estilo como corretas e se vêm estigmatizados ou mesmo excluídos se afastam da igreja, desviam-se ou, mesmo, vão para outras igrejas que s aceitam do jeito que eles são, do modo que se apresentam à sociedade.

Ainda que permaneçam acolhidos, os jovens que transgridem as tradições estéticas dificilmente obterão um cargo importante na igreja. Os “jovens exemplos” e líderes de jovens estão dentro do padrão estético conservador e geralmente são casados. Os jovens exemplos são aqueles que possuem contato estreito com os obreiros da igreja e são chamados às reuniões. Possuem prestígio entre todos os membros da comunidade. Equilibrando-se entre conflitos se constitui a juventude da igreja pentecostal. Trata-se de um local que oferece uma resposta às agruras do mundo, onde se encontra acolhimento e agrupamento, mas que também possui regras e padrões. Mesmo assim, o grupo tem crescido. O sujeito se assujeita as regras da igreja que ao menos do discurso não aceita as regras do mundo, mas também se assujeita as regras consumistas do mundo surgindo algo híbrido.

A conversão traz uma nova linguagem, e, portanto, o homem tende a ter novas referencias de compreensão de como o mundo funciona. Uma nova linguagem tende a trazer novas referencias de mundo. Assim, o indivíduo convertido é

inserido em uma outra visão de mundo, alterando seu aspecto estético e sua linguagem na construção de uma nova identidade.

Essa nova identidade, porém, não se refere somente ao conservadorismo tradicional. Há a constante influência da explosão musical gospel, por exemplo, como o rap gospel, que mantém a estética hip-hop comum com letras religiosas, trazendo para a igreja novas formas de roupas, abrindo espaço para o uso de adornos como a tatuagem, que vão assumindo o lugar que antes fora proibido. Os novos tipos de música, normalmente chamados de louvor ou adoração, atuam também como produtores e reprodutores da cultura evangélica – tanto quanto a tradicional Harpa Cristã. Sobre isso, estuda Oliveira Pinto (2001: 230):

É também na *performance* dramática e musical que encontramos a ritualização do sagrado. Rituais fornecem elementos para se construir uma etnografia da *performance*, uma etnografia que possibilita reconhecer diversos modelos de edificação de tempo e espaço na cultura. Para o culto de louvor de uma igreja pentecostal pode definir a trajetória da dramatização do evento através da produção musical e cênica como representação de valores morais e religiosos.

A música da igreja pentecostal é carregada de emoções, e está ligada à crença de que a entrega musical desperta a divindade naquele que a invoca. Há a firme crença de que “Deus habita em meio aos louvores”. A crença tem como base a Bíblia Sagrada, em Salmos 22.3: “tu és Santo, o que habitas entre os louvores de Israel”. Deste versículo depreende-se que o Deus habita no meio dos louvores do seu povo. Após a explosão gospel, a música se torna foco do próprio culto, em algumas igrejas, mas também alavanca shows, tornando-se um negócio altamente rentável para as igrejas e instituições para-eclésiásticas (CUNHA, 2007).

Na antropologia, a etnomusicologia vem há tempos estudando seus significados culturais (OLIVEIRA, 2001). A música atua como processo de ressignificação social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus sentidos sonoros. Ela reflete os anseios, sentimentos e vontades dos ouvintes, produtores e reprodutores do som. No meio pentecostal, é comum a mensagem pregada no culto atuar junto com a música, ter lições ou significados coesos.

Os shows são criticados pelos pentecostais tradicionais. Para eles, segundo os relatos pesquisados “mais vale a fé que o povo sente” do que aquele que está tocando. Este fato diz muito da diferença entre o pentecostal tradicional e o neopentecostal. Para o primeiro, a fé é mais importante, enquanto para segundo não há dissociação da própria presença de Deus manifesta na música. Vários relatos de curas e manifestações espirituais ocorrem durante o período musical do culto. A emoção toma conta. A emoção é um foco de *performance* que vai refletir a natureza do culto e das disposições afetivas durante o mesmo.

Há louvores mais emotivos, por isso é comum que durante as performances musicais haja lágrimas, abraços e outras manifestações pentecostais. O culto estará “quente” (categoria positiva de culto pentecostal onde o Espírito Santo estaria presente, onde Jesus batizaria com fogo) quando nos louvores ocorrem as manifestações espirituais típicas pentecostais; e estará “frio” (valor negativo) quando não houver manifestação do Espírito Santo, a saber, revelações, visões, falas incontrolláveis em idiomas indecifráveis, entre outras.

A parte musical do culto pentecostal revela um espaço cultural que expõe os sentimentos e anseios das pessoas. A música é importantíssima para a avaliação de rito e culto, pois representa o fundo cultural de uma comunidade: “através da sua *performance* o acontecimento sonoro da música traz à tona fenômenos diversos, por vezes inesperados e não necessariamente acústicos” (OLIVEIRA, 2001: 280). Assim, a música tem presença importantíssima no meio pentecostal e na

comunidade em estudo. Há um profundo respeito pela Harpa Cristã, tida às vezes como livro sagrado. Todo culto nas Assembleias de Deus se inicia com, pelo menos, um hino da Harpa Cristã. Ela está carregada de significados históricos e culturais da identidade das ADs (CONDE, 2011).

Há ainda eventos específicos de louvores, tais como as chamadas vigílias, ou cultos especiais de louvor e adoração, nos quais costuma haver grande manifestação pentecostal. A música é também um instrumento de proselitismo, não há ação de culto ao ar livre sem música, por exemplo. É comum que nas pregações se use frases como: “este hino diz, Jesus se importa com você”, em referência ao popular hino de Marquinhos Gomes, “Ele não desiste de você”:

*Não importa quem você é
Não importa o que você fez
Jesus conhece o seu interior também
Quantas vezes você caiu
Tentando acertar
Mas a tristeza e o desespero
Te fizeram chorar
Não importa pra onde você foi
Se na escuridão da noite
Ele apaga o seu passado
E não desiste de você
Ele não desiste de você
Ele se importa com você
Ele compreende o seu caminhar/Nunca vi um amor tão grande assim.
(GOMES, M., 2010)*

Ao oferecer uma letra assim, que afirma que o próprio Deus se preocupa com o ouvinte e perdoa seus pecados, pessoas que estão sofrendo, seja por um luto, uma perda, ou por condições socioeconômicas instáveis, tendem a se converter. A música *per si* é carregada de emoção e assim se rompem as barreiras da mera reflexão, tornando mais fácil o ato religioso da “entrega a Jesus”, o primeiro passo a conversão.

O fiel quer ser reconhecido, e como na igreja pentecostal todos são sacerdotes², há a busca constante por ganho social. Mas, com o alto crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, nem sempre há o reconhecimento para todos os fiéis. E então, o sentimento de acolhida inicial pode dar lugar a um sentimento de solidão em meio ao grupo. Para se destacar e aplacar a sensação de solidão e para aprezoar certa liberdade e posse de si mesmo, o jovem cristão se expressa em novas músicas, mas com ritmo de rock. Freire e Bronsztein (2015: 43) afirmam:

Na sociedade do espetáculo o antigo padre e pastor se reformou, é pop, é rock, é sertanejo... se alia ao sacerdote por excelência: a publicidade. Que oferece a interpretação dos signos do dinheiro, credenciando vidas capazes de obter reconhecimento e aceitação diante de um outro imaginário. Decifrar a vontade do dinheiro é alcançar a via-crúcis de um gozo que promete cada vez mais, e mais, e mais, e promete acima de tudo aparência, continuamos em dívida porque a vida que temos é sempre fracassada e infeliz diante dos desígnios da sociedade do espetáculo que não para de produzir vidas inalcançáveis. Seguindo por esse trajeto o rebaixamento da vida na falta e na culpa também é cada vez mais, e mais, e mais a busca por reconhecimento, essa dívida infinita do desejo.

Invadidos pelo discurso da prosperidade e da liberdade, os jovens desprezam a tradição da pureza musical e aderem às novas músicas. A cultura contemporânea está permeada de uma vontade imagética, potencializada pela reprodutibili-

² Herança do sacerdócio universal preconizado por Lutero.

dade técnica das imagens que alterou as formas de ação, o cotidiano e a sensibilidade dos homens metropolitanos (Benjamin, 1989). Como já tem algum tempo que o *ethos* assembleiano deixou de ser rural, constrói-se novo *ethos* em meio ao contexto urbano.

O jovem expressa a vida urbana em toda sua plenitude. A aglomeração faz parte de sua vida e de sua interpretação social e religiosa. Em meio à aglomeração homogeneizante do culto antigo, o jovem vai resistir ao anonimato e à possibilidade de ser apenas mais um, expressando no gosto musical a sua busca por referenciais de identidade diferentes de seu grupo religioso. A igreja, para o jovem, funciona como uma comunidade de afetividade e expressão de emoção intensa, bem como sua referência de pertencimento social. Como caos da modernidade ressoa em várias esferas, o jovem sensível a isso vive uma relação líquida de transição, já que ambas as culturas, a modernidade mundana e o tradicionalismo religioso, hoje se inter-relacionam.

O autor italiano Pietrocolla (1997: 65) lembra “ser jovem é assim: mudar muito, experimentar intensamente emoções, o que significa estar potencialmente aberto para o mundo”. Com a igreja, a juventude tem possibilidades para além da cultura do consumo. O autor ainda afirma que:

ser jovem é ser belo, forte, livre, feliz e transformador; é saber lidar com o inesperado com rapidez e não ter ainda as marcas deixadas pelo viver; é ter a liberdade idealizada e um poder ilimitado; isso transposto para o mundo da cultura sugere, acima de tudo, mudança e renovação das mercadorias. (PIETROCOLLA, 1997: 65)

Se a religião não é uma mercadoria, hoje é tratada como tal, e na disputa pelo mercado religioso, o protestantismo deve se reinventar em sua proposta ou perderá espaço para outras religiões, e até outras derivações do pentecostalismo.

Um pouco de origem

A musicalidade pentecostal brasileira é grande. isso se deve ao fato de ter suas origens nas expressões musicais negras do sul dos EUA, cuja espiritualidade já era plena de musicalidade através do soul e do blues. Justiça seja feita, a AD foi a maior escola livre de alfabetização gratuita que já existiu em território brasileiro. Até 1988, eram inúmeras as práticas de alfabetização de adultos e jovens dentro da igreja, e hoje muitos idosos lembram terem sido alfabetizados na igreja, após o processo de conversão. Depois, tornou-se comum o estímulo à alfabetização ainda que tardia, com anúncio de escolas públicas de EJA – Educação de Jovens e Adultos, nos quadros das igrejas. Dado importante, pois ser pentecostal significa poder ler e manusear a Bíblia. A leitura era estimulada, como relata Benatte (2010: 72):

O não saber ler e escrever não impedia a participação ativa e criativa das pessoas, homens e mulheres, na vida comunitária da igreja. As próprias crenças e práticas religiosas – a busca de dons e capacitação do Espírito Santo – foram mobilizadas para superar os obstáculos representados pelo analfabetismo. A crença na efusão democrática do Espírito, como cumprimento contemporâneo da profecia de Joel, 2: 29-32 – ‘E há de ser que depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne...’ – abria espaço para a participação leiga nos serviços religiosos, mesmo para os analfabetos.

Mais tarde, na segunda fase de institucionalização, também foi a AD a maior escola livre e gratuita de música do Brasil³.

³ Na edição de 6 de junho 2011 a revista Veja fala da importância da música entre os evangélicos, e que eles se tornam os novos celeiros de música erudita no Brasil, inclusive relata na reportagem que o atual maestro da OSESP é membro da ADs. Disponível em: http://veja.abril.com.br/060607/p_104.shtml, acesso em 21/08/2014.

A mensagem assembleiana também oferecia algo que as igrejas históricas protestantes e a igreja católica não faziam: uma oportunidade ao homem pobre, iletrado e simples, de fuga dos sofrimentos do mundo. Enquanto a mensagem católica pregava que o fiel devia se conformar com os sofrimentos, e a protestante pregava a salvação eterna, a pentecostal falava sobre alívios imediatos, valorizando o sujeito que, segundo sua leitura, era importante ao ponto de ter contato direto com Deus, por meio do Espírito Santo.

Assim aprender um instrumento era louvar a Deus em liberdade para o pentecostalismo que significa ser guiado pelo Espírito Santo.

A crença da manifestação dos poderes do Espírito Santo, manifestado nos homens, é conhecida como *Karismas*, do grego, ou dons espirituais “mencionados no Novo Testamento, particularmente aqueles extraordinários ou espetaculares, tais como profecias, línguas estranhas, curas e milagres” (MATOS, 2006: 28). As referências no Antigo Testamento são diversas, relatadas em diferentes situações e traduzidas das palavras *Ruah*, *Sophia* e *Shekinah*, em 1 Êx 35:31, Sm 16:14, Is 11:2, Ez 1, Gn 40.1-8, Gn 41.1-36, Dn 2; 4.10ss, Jz 13:25 (KELLY, 1993) dentre outras inúmeras expressões que variam, desde traduzidas como Espírito (em maiúsculo), Espírito de Deus, Espírito do Senhor. Em todas essas formas os relatos eram algo de extraordinário, que relata o Deus judaico-cristão cooperando ou guiando alguma ação humana. Há 389 ocorrências do substantivo no Antigo Testamento (MATOS, 2006: 45). Assim creem que Deus está presente no seu cotidiano, isso é ser pentecostal, ter essa crença.

Foram reprimidos pelas igrejas oficiais, tanto a romana quanto pela do ocidente. A história dos montanistas⁴ e suas atitudes contestadoras fizeram com que a igreja católica reprimisse violentamente as manifestações de dons espirituais de natureza espetacular ou miraculosa, já que tais dons colocavam em risco a autoridade da igreja e de seus líderes. Durante o protestantismo clássico, alguns fiéis também demonstraram simpatia por movimentos carismáticos. Assim relata João D. Passos (2005: 26):

No Sec. XVII, surge o movimento pietista, inspirado por alguns líderes espirituais como Jacob Spener, na Alemanha, e João Wesley, na área britânica, teve sua sequência nos movimentos de reavivamento, especialmente nos Estados Unidos da América.

A ação do Espírito nos homens configura-se forma numinosa (segundo a filosofia da religião de Rudolf Otto, aplica-se ao estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade) de experiência religiosa que se perfaz na revelação, tratando-se da noção de religião que se revela por conhecimento inspirado pela crença. A inspiração religiosa é percebida como um conteúdo revelacional e infalível que parte da divindade, direta e especificamente a alguém, sendo este o recipiente da mensagem. É uma intervenção da crença no sobrenatural, tendo como objetivo comunicar alguma verdade em relação ao propósito da vontade da divindade, ou o que ela deseja do mensageiro. Para o pentecostal, o poder de Deus não é uma teoria abstrata, mas uma verdade experimentada. O discurso sobre o poder de Deus nasce do testemunho que o Espírito Santo dá deste poder na vida do crente (D'EPINAY, 1970: 99).

Nos últimos anos do século 19, surgiram as primeiras denominações do movimento de santidade: a Igreja de Deus em Cristo (1897), em Lexington, Mississippi, e a Igreja Pentecostal Holiness (1898), em Goldsboro, Carolina do Norte. Ao aproximar-se o século

⁴ O **montanismo** foi um movimento cristão fundado por Montano por volta de 156-157 (ou 172), que se organizou e difundiu em comunidades na Ásia Menor, em Roma e no Norte de África. Foram após o concílio de Niceia violentamente reprimidos.

20, todas essas correntes do movimento de santidade tinham em comum uma mentalidade, linguagem e simbologia “pentecostal”, valorizando altamente a experiência do batismo “com”, “do” ou “no” Espírito Santo narrada em Atos 2. (MATOS, 2006: 34)

Já no século XX, nos Estados Unidos, dois grupos chamam a atenção: a Escola Bíblica Betel em Topeka (Kansas), em 1901, e um antigo templo metodista em *Azusa Street, Los Angeles*. A localização geográfica não é ocasional. Ela revela o contexto não somente religioso, mas também sociocultural que marca o pentecostalismo moderno. Charles Fox Parham (1873-1929), funda sua escola bíblica na cidade de Topeka, Kansas, onde ensinava a glossolalia – o falar em línguas desconhecidas ou estrangeiras, primeiro sinal da manifestação do batismo no Espírito Santo, tão popular nos círculos *holiness*. Foi essa característica que se tornou a marca distintiva do movimento pentecostal. Por algum tempo, ele chegou a acreditar que os crentes receberiam o conhecimento sobrenatural de línguas terrenas para que pudessem rapidamente evangelizar o mundo (CAMPOS, 2005).

Ocorre que Parham era altamente racista, um produto de seu tempo e cultura como fazendeiro, e não permitia que negros e latinos ouvissem seus ensinamentos. Porém, William Joseph Seymour, um garçom negro que trabalhava para Parham, ouvia suas lições do lado de fora do salão, assimilando seus ensinamentos. Algum tempo depois, Seymour visitou uma igreja batista para negros. Nela, conseguiu alguns adeptos para a teologia pentecostal, já caracterizada por manifestações físico-religiosas como lamentos, quedas no chão, glossolalia, profecias e contorções (HOLLENWEGUER, 1976).



Figura 1 – Missão da fé apostólica do evangelho, a famosa igreja da Rua Azusa, ao lado William Seymour.

O crescimento desses movimentos em direção ao oeste daquele país, onde as consequências da escravidão marcavam fortemente a vida da população negra, se mostrou como uma superação social do racismo vigente, e logo chamou atenção da comunidade e da imprensa, por se tratar de uma reunião religiosa de brancos e negros, além das manifestações extáticas. O racismo, entretanto, fez com que o movimento fosse duramente criticado por parte da imprensa, embora tais notícias servissem mais como propaganda. Alugou-se um edifício de madeira na Azusa Street, centro comercial de Los Angeles. Esse prédio havia abrigado uma igreja metodista negra e posteriormente tinha sido usado como cortiço e estábulo. O principal jornal da cidade mandou um repórter ao local e este escreveu em 18 de abril de 1906, ridicularizando os fenômenos presenciados. Esse artigo, intitulado “Estranha babel de línguas”⁵, funcionou como propaganda gratuita e logo

⁵ “Weird Babel of Tongues”. Manchete principal do jornal Los Angeles Daily Times, de 18 de Abril de 1906.

em seguida ocorreu o fenômeno conhecido como “Avivamento da Rua Azusa” (MATOS, 2006).

Cerca de 13 mil pessoas passaram pelo local (MATOS, 2006) e ouviram a nova mensagem pentecostal. Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que ocorria. Muitos demonizaram o movimento, outros, porém, acabaram se rendendo ao que presenciaram. Uma forte influência para o movimento provavelmente fora a união e a semente das lutas contra o racismo. Afinal, numa igreja “revelada” não pode haver discriminação, já que “O Espírito Santo, no derramamento de dons e em seu batismo, não faria acepção de lugar, hora, sexo, grau de instrução da pessoa” (ROLIM, 1985: 207).

O sucesso do movimento pentecostal e seu crescimento pode ter-se dado mais aos seus avanços sociais do que sua teologia, “Os crentes, por mais que possa haver hierarquias na constituição da igreja, são iguais quanto aos direitos de produção e usufruto dos bens religiosos” (ROLIM, 1985: 17). Algum tempo depois, vários grupos semelhantes foram formados em território norte-americano. Organizou-se então o grupo Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa. Posteriormente, um seguidor da doutrina William H. Durham, abriu outra igreja em Chicago. O movimento rapidamente se expandiu para a América Latina, primeiro no Chile (1909) e logo em seguida no Brasil (1910).

A primeira manifestação de entusiasmo religioso no protestantismo brasileiro é atribuída por Émile Léonard (1988) ao movimento liderado por Miguel Vieira Ferreira (1837-1895). Esse engenheiro, presbítero e pregador leigo da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, membro de uma família aristocrática de São Luís do Maranhão, acreditava que Deus ainda se revelava diretamente às pessoas, como nos tempos bíblicos. Funda no Brasil a Igreja Evangélica Brasileira, que ao menos nos primeiros momentos de sua existência é caracterizada por revelações e profecias (SOUZA, 1969: 25). Logo através de missionários suecos que estiveram nos EUA trazem essa cultura religiosa para o Brasil atraídos pelo ciclo da borracha em Belém, a cultura musical vem com eles.

A harpa cristã e o culto

Na ADs, a maior e mais importante reunião da semana, o culto noturno de domingo, acontece entre sete e nove e meia da noite, sendo chamado, assim como em várias outras ADs de “Culto da Família”. Nas ADs, a duração é de duas horas, variando seu início entre seis da tarde e sete e meia da noite. Tradicionalmente, o Culto da Família ou culto público ocorre na seguinte ordem: oração de abertura; cânticos da Harpa Cristã; oração pelo culto; louvor pelo grupo de louvor (toda igreja tem um específico, que deixaram de ser apenas hinos da harpa, louvores populares são aceitos e até esperados); oportunidade para um membro ou grupo da igreja fazer uma ou duas intervenções particulares; mais um louvor ou um breve testemunho; apresentação obrigatória de visitantes; oração e coleta de ofertas e dízimos, acompanhadas de outro hino; oração pelos dízimos e pelo pregador. A pregação normalmente é rápida, cerca de meia hora com duração específica não obrigatória, mas há pregações que duram até duas horas, sobretudo em congressos especiais. Os cultos costumam ter cronometragem rígida de cerca de duas horas, embora ocorram variações em certas igrejas, podendo existir cultos de até quatro horas.

Sempre que possível, organiza-se uma sala separada para cultos infantis. As obreiras que cuidam das crianças fazem cursos de capacitação com pedagogas

que congregam na própria comunidade, ou pedagogas contratadas. A CPAD oferece farto material para utilizar nos cultos das crianças⁶. Segundo o Censo 2010, saltou de 1,8% em 2000 para 6,2% o acesso de evangélicos pentecostais ao ensino superior (IBGE, 2010), considerando os cursos reconhecidos pelo MEC, mas os cursos livres de teologia têm cada vez mais procura por este grupo. Calcula-se que, levando em conta tais cursos, o acesso ao ensino superior seria de cerca de 39% dos membros, segundo dados da FAETAD⁷.

Além das mudanças descritas, vale registrar a inclusão de músicas além Harpa, e diminuição do tempo de oração nos cultos públicos. Destaque-se que as pregações mostram hoje um discurso mais brando, com menos apontamentos e pressão acerca dos costumes, e mais palavras de salvação e encorajamento, para desgosto dos irmãos mais idosos. Afora isso, não há muitas variações, salvo nas igrejas que romperam com a tradição. Muitas delas, apesar de levar o nome Assembleia de Deus em sua fachada, são teológica e espiritualmente afeitas à teologia da prosperidade e seus costumes são neopentecostais, não pentecostais tradicionais.

O culto público é a grande arma evangelística das ADs, os fiéis são sempre estimulados a trazer pessoas “não salvas”, se referindo a quem não é evangélico, para esse culto. Sendo o mais frequentado.

O discurso do culto costuma estar sempre voltado, pela pauta do amor de Deus e da salvação, de como Cristo se importa com a vida dos fiéis e dos visitantes. Raramente há transe nessa congregação, embora possa acontecer com duas ou três pessoas quando o tópico da pregação está na questão da presença do Espírito Santo. Em todos os cultos, após a leitura de algum versículo que fale sobre glória, após algum grito do pregador, de algum testemunho, ou seja, durante todo o culto há gritos em manifestação consciente, tais como: “Gloria a Deus!”, “OOOH Glória!”, “Prega Deus, fala Deus que teu servo ouve!”, “Aleluia!” etc. O mais comum é o grito de “Amém!”⁸

Ao final da pregação, é feito o “convite” ao visitante para a conversão, na afirmação de que Jesus pode dar vida nova ao ouvinte, que pode resolver vários problemas e ainda salvar sua alma. A existência do conceito de alma e o senso da existência de uma alma imortal, no Brasil é uma crença firme, presente em todas as etnias que fundaram o Brasil culturalmente. No ocidente, boa parte das religiões prega aos fiéis que tenham um comportamento ético, para que sua alma, após a morte, vá para o céu. Caso o indivíduo não siga a conduta correta, sua alma acabará no inferno, e esse medo é a própria constituição da cultura ocidental e visa à manutenção e controle social (DELUMEAU, 1978).

Segundo o Dicionário de Movimento Pentecostal (ARAUJO, 2007, verbete Harpa Cristã) "Harpa Cristã (HC) é considerada o Hinário Oficial das Assembleias de Deus. Hinos tradicionais e históricos que fazem parte do Movimento Pentecostal Brasileiro. A Harpa Cristã é um produto oficial da CPAD disponível em diversos formatos e modelos com letra, cifra e/ou partitura." é um importante elemento identitário das ADs. Segundo Fajardo (2015: 217):

Estes hinos de abertura fazem parte da liturgia de igrejas de todos os portes. Podem ser cantados a cappella nas pequenas congregações, com o acompanhamento de um violão ou guitarra nas igrejas de médio porte ou com sofisticados arranjos musicais das

⁶ Ver: www.livrariacpad.com.br/Livros/Infantil.html?acao=LI&dep=4732&secao=14826&orig=portal

⁷ Faculdade Evangélica Teológica das Assembleias de Deus, localizada em Campinas-SP.

⁸ Nas Congregações Cristãs do Brasil e na IPDA não se fala o Amém por acreditarem que é algo ligado ao catolicismo, preferem substituir pela tradução portuguesa “assim seja”.

orquestras de igrejas-sede. Abandonar os hinos da HC é confrontar o culto-padrão assembleiano, mesmo que a execução de tais cânticos restrinja-se aos seus momentos iniciais. No discurso assembleiano clássico os hinos da HC são fundamentais para a preservação da identidade das ADs.

A harpa e seus hinos imprimiam uma cultura de discurso de arrependimento e humildade, já que boa parte das letras falava disso. imprimia um ascetismo intramundano.

Perceba pela letra: "Nossa esperança é Sua vinda/ O Rei dos reis vem nos buscar/Nós aguardamos, Jesus, ainda/Té a luz da manhã raiar/Nossa esperança é Sua vinda/O Rei dos reis vem nos buscar/Nós aguardamos, Jesus, ainda/Té a luz da manhã raiar/" (Harpa Cristã - Hino 300, nossa esperança, 2012).

Novos hinos ao hip-hop

Novos hinos rompendo com a harpa tem sido introduzidos. Sobretudo com a chegada da teologia da prosperidade ou ao menos de fazer o crente vencer. para uma população de maioria pobre, injustiçada, agora exposta ao luxo trazido pela indústria cultural, representa um vislumbre de justiça, mas na verdade um estímulo ao hedonismo e individualismo, vejamos a recente letra: "*Quem te viu passar na prova/E não te ajudou/Quando ver você na benção/Vão se arrepender/Vai estar entre a platéia/E você no palco/Vai olhar e ver*" (SILVA e SILVA, 2012).

No caso essas novas músicas são exigências de um novo público que quer e aceita o discurso de vitória e prosperidade cada vez mais apregoado pelos televangelistas. Neste caso, ou a Assembleia de Deus permite o uso de novas expressões musicais, ou perde os jovens para outras igrejas evangélicas.

Há de se lembrar de que o jovem contemporâneo tem uma identidade cada vez mais fluida, complexa, que é expressa na corporalidade, como na escolha das roupas por exemplo. Nesse trânsito entre a igreja e o "mundo" emerge um jovem híbrido, inserido em ambientes racionais e emocionais, em que existe a igreja, mas há também a escola, a praça, a comunidade, o hip-hop, a televisão... Fatores múltiplos que o levam a adquirir valores diferentes, e às vezes até opostos, aos do grupo religioso.

Assim não é fácil verificar as fronteiras culturais. A cultura tradicional assembleiana, ou melhor, a matriz assembleiana (ALENCAR, 2013) impõe certos padrões que foram duradouros, mas agora estão relativizados. Assim os jovens escolhem novos símbolos de adoração e expressão optando por novos processos criativos.

Vale dizer que, atualmente, a maioria dos jovens assembleianos passa pela conversão tardia, ou seja, não nasce na igreja, não a herda de seus pais. Chegam pela influência de outros jovens, que conhecem na escola, trabalho, na praça e outros lugares de encontro público. Um exemplo é o meio cultural do *Hip-Hop*, que mostra grande afluxo de evangélicos como estratégia de evangelização dos mais jovens. Assim diz o entrevistado Cláudio Aparecido da Silva, 30 anos, educador social e disk jôquei, conhecido como *DJ Crawl*:

Pesquisador: *Como é aí esse negócio de rap gospel para evangelizar?*

Depoente: *A gente canta rap gospel e faz evangelização nas praças aí nas, nas escolas. Então assim, as pessoas já me conhecem bastante aqui na cidade, e tenho feito bastante trabalho assim paralelo e com Wise, e com outros rappers aqui de Bauru, com o Tigor né, o Oliveira, com mais alguns aí, que canta a aqui na cidade, que faz esse trabalho.*

P: *Legal! O rap tem crescido aí no cenário nacional, tanto o rap do mundo, quanto o rap, o... hip hop evangélico né. A gente tem aí Pregador Luo, né, várias pessoas. Como que cê tá vendo esse crescimento aí no Brasil hoje? A que cê acha que se deve isso hoje?*

D: *Bom eu vejo como uma forma, uma estratégia bastante assim...uma estratégia bem....então eu acredito que assim, Deus tem usado né o rap, de uma outra forma. E...antigamente o rap era mais de protesto mais, agressivo, e hoje o rap gospel mudou um pouco esse cenário, essa visão do rap. Hoje você vê o rap também mais cantado, mais...um pouco mais, com um pouco mais de musicalidade também. Então assim, o pregador Luo, o DJ Alpiste...*

P: *Mano Heaven*

D: *Mano Heaven, Ecclesiastes...e tantos outros aí. E você vê que tem dado fruto, né, uma coisa assim que você vê que a molecada ela para pra ouvir, para refletir, na letra, principalmente na letra né. E... Deus tá trabalhando muito nesse meio assim. E até mesmo aqui em Bauru, tem bastante moleque que se converteu, que mudou de vida, ouvindo o rap antigo, se espelhando em pessoas que cantam o rap gospel, e ... como assim, eu falo pra alguns amigos meus né, tem...a gente tem feito mais eventos do que os caras que, que canta o rap secular. As portas tão se abrindo mais pra quem canta rap gospel do que pra aqueles, aqui do interior né, aqueles que canta rap secular. Então vejo isso aí como uma vitória.*

P: *É um jeito então de atingir, porque o rap tem aquele preconceito, é som de bandido, preto, bandido, isso é um preconceito horrível aí na minha opinião, tá. Mas de fato, né, por ser uma ordem de protesto, atinge as pessoas que tava numa situação, vamos dizer de...que a sociedade não olha. Era uma voz mais daqueles pra que a sociedade não olha. Entendeu?*

D: *Os excluídos, né?*

P: *Os excluídos da sociedade. Então, esse é um jeito de alcançar aqueles que de fato foram excluídos, aqueles que estavam envolvidos na vida de crime, da droga... é isso? É uma estratégia?*

D: *É uma estratégia né. Como foi quando surgiu como forma de protesto, hoje a gente faz como forma de conscientizar né, conscientização... abrir a mente dessa pessoa né, porque não é só você reclamar, antigamente o protesto era bem isso né, você reclamava, e o pobre, o negro achava que era, que era errado né? Lógico, não concordo com muita coisa assim, mas hoje não, hoje o rap gospel ele incentiva a pessoa a correr atrás né...dos sonhos delas, conquistar os sonhos delas...respeitar as pessoas...independente de se ela faz errado ou não... respeitar e fazer diferente né, em caminhar diferente, estudar, trabalhar, ser uma pessoa honesta... né. E principalmente ir pra uma igreja né, procurar uma igreja e tal. Então hoje no, o rap hoje gospel, ele não é só protestar. Não é só falar mal. É falar daquilo que a gente tem que fazer né. É correr atrás e conquistar o nosso sonho porque, independente de racismo, independente de preconceito, de crise, se a gente correr atrás, Deus Ele vai ajudar a gente a conquistar aquilo que a gente precisa né? E... então assim eu vejo como... como uma ferramenta muito útil né, pra sociedade. Então não é só reclamar. As vezes um cara faz um rap aí reclamando, reclamando, reclamando, e não tem coragem de acordar cedo e trabalhar, procurar um emprego. (Entrevista concedida em Bauru-SP em 04/04/2016, na casa do hip-hop)*

Assim o jovem assembleiano assume uma múltipla posição, entre ser membro da igreja e a incorporação de elementos da cultura contemporânea *extra-igreja*. Ele quer ser da igreja, pois lá há uma recompensa a ser conquistada: a salvação, que está num tempo futuro, mas ainda assim percebe e participa das diversões do mundo moderno. Nesta perspectiva, a própria igreja muda, afim de aceitar o jovem como vem de fora, inclusive com uso de novas expressões musicais.

Concluindo

A religião, para Weber(2004), cria imagens irracionais que guiam as ações do sujeito sobre o mundo baseada em sua teodiceia. De tal modo, requer soluções internas e outras racionalizações para suas inconsistências, e o sujeito então cria

soluções mais racionais (ainda que para olhos de outros sejam irracionais) para acomodar sua situação sobre o mundo. No tema ora estudado o jovem busca sua pertença religiosa, ainda que pareça por vezes irracionais aos outros, mas se transforma para acomodá-la sobre o mundo, pois para o jovem não é possível aceitar o ascetismo que as Assembleias de Deus propõem em seu discurso teológico. Buscam formas de manter suas identidades do mundo sem deixar sua identidade religiosa. Certamente, os *outsiders* da igreja acharão o fato de o jovem ser assembleiano algo irracional, e os *insiders* acharão irracional o ser jovem, que inclui hoje fazer trazer novas músicas.

O caos e os desencaixes da vida contemporânea fazem com que, “os modos de vida trazidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes” (GIDDENS, 2002: 14). Apesar disso o próprio Giddens admite que a religiosidade foi uma força que permaneceu, embora em múltiplas formas, revitalizada, porém presente em meio à suposta racionalidade da atualidade. Suas várias e mutantes formas possibilitam a existência de algumas novidades, como no caso de jovens assembleianos que ouve/tocam novas formas musicais para requerer sua identidade enquanto seres presentes e negociadores no mundo moderno.

A comunidade assembleiana, onde quer que se manifeste, com influências da nova propaganda, com um espaço que varia do templo “abrigo espiritual” ao templo-shopping (ALENCAR, 2013)⁹ se torna um espaço público dotado de música, aceitação, amizade e alegria. Um espaço público a ser ocupado pelo jovem em seus variados modos de ser. A religião agora permanece enquanto espaço público pois se une a um processo técnico-midiático de essência simbólica, sendo agora um centro organizador das relações contemporâneas.

A mídia é reabsorvida e apropriada pelo campo religioso para dar espaço a um novo discurso. Hodiernamente, a religião não está mais em uma instituição protegida e protetora de uma tradição, mas se mistura com o mercado dos bens simbólicos e com as facilidades tecnológicas contemporâneas, coisas que o jovem procura, uma organização, uma identidade, aceitação sem deixar de abrir mão das facilidades técnicas que permeiam a era atual.

Isso, é claro, faz parte de um projeto político. Porém, não se trata de um projeto puramente manipulado pelas lideranças. É um projeto que as pessoas optam por assumir e por conviver com conflitos dentro da instituição. Embora dentro da AD existam pessoas que sejam radicalmente contra, outras são radicalmente a favor, outras apenas “acomodam” as mudanças. Assim as divisões entre assembleianos de hoje e assembleianismo tradicionais fica cada vez mais tênues.

Pode-se afirmar que o projeto político de alcançar almas, cuja barreira era a forte imposição de regras e tradições na AD, se tornou uma verdadeira armadilha para aqueles que pretendiam impor um rígido controle. Ao aceitar múltiplas pessoas em um projeto de expansão e midiático houve a troca de aceitação de múltiplos modos de representação identitária. Assim o projeto idealizado pelos líderes poderia ser de impor certa moralidade, porém o mesmo projeto, só que aceito pelo grupo tem apoio em diferentes dominós e diferentes metamorfoses em âmbitos culturais misturados e diversos. Uma vez que a AD busca novas aberturas ao público, saindo de suas portas fechadas e expandindo buscando membros imersos na cultura contemporânea estiveram sujeitos as mudanças sociais típicas do tempo presente. Assim o instrumental simbólico de controle de roupa e aparência já estava fadado ao fracasso antes de começar. Não há como aceitar pessoas

⁹ Ideia proposta por Alencar de que na contemporaneidade o templo não é só mais um lugar de oração, mas sim de comércio, que absorve fortemente elementos da cultura contemporânea.

de uma ideação cultural e querer que mude radicalmente salvo no fundamentalismo extremo. Assim seu projeto de expansão em busca do poder político trouxe formas organizativas novas.

Essas novas formas de organização dispostas na cultura do mundo foram aceitas pelos jovens que escolheram serem hibridamente pentecostais e jovens seculares. A Matriz Pentecostal Brasileira se manifesta em modelos diferentes, estruturas desiguais, disparidades em todos os aspectos: nas formas de implantação, nas alterações dos sistemas eclesiais, nas hierarquias, nas músicas, nas liturgias, nas adesões e exclusões dos membros, nos modelos evangelísticos, nos usos ou proibições de meios eletrônicos e jeitos estéticos.

De uma pequena comunidade pessoas em Belém, em 1911, que a partir de uma experiência mística se organiza anárquica e solidariamente, produz um grande espaço de voluntariado, incentiva a leitura e conseqüentemente o estudo, promovendo, assim, ascensão social. Em apenas cem anos, se transforma em um grupo de milhões de pessoas e na crença que mais cresce e que mais se influencia em política na América Latina.

A identidade pentecostal, mais do que uma dada por uma instituição é uma forma de resistência contra forças assimilacionistas pautadas pela mercadoria e pelo desejo. Embora alguns seja conservadores são também, por outro lado algo que vai na contramão do que as forças de capital estabelecem pois ainda há um certo ascetismo que funda sua identidade, portanto nem todos pentecostais, ao menos os que são objetos desse estudo os pentecostais tradicionais se entregam ao consumismo típico dos neopentecostais.

A contemporaneidade torna acessível uma diversidade cultural líquida dotada de incertezas que obrigam os sujeitos a serem, por meio de processos de identificação, mais e mais ativamente criadores de significado. As discussões em torno da religiosidade que apresenta uma estética diferente do mundo como a pentecostal tradicional, é um exemplo de que se vive numa época marcada por uma crise da representação e, referenciais identitários cada vez mais complexos.

Recebido em 17 de abril de 2021.

Aprovado em 30 de setembro de 2021.

Referências

ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo Hitech: uma janela aberta, algumas portas fechadas. *História Agora*, 1: 428-453, 2009.

ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. “Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural”. In: SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986

CAMPOS JR, Luis de Castro. *Pentecostalismo: sentido da palavra divina*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CAMPOS MACHADO, Maria das Dores. Carismáticos e pentecostais, Adesão Religiosa na Esfera Familiar. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 9 (6), 1996.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As mutações do campo religioso. *Caminhando*, 7 (1): 97-109, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada. *Revista USP*, 67: 100-115, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). *Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. Trad. Júlio Zabetiero. São Paulo: Pendão Real, 1996

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CORTEN, A. *Os pobres e o Espírito Santo; o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão Gospel, um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DANIEL, Silas; et al. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista., 2015

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Marquinhos. *Ele não desiste de Você* (Faixa 1, duração 4’57”). Disco: Ele não desiste de você. Gravadora: Sem Limites. Rio de Janeiro-RJ, gravação e lançamento em 05/abr/2010.

GONDIM, Ricardo. *É proibido – O que a Bíblia permite e a igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

HARPA CRISTÃ (Hinário com música). Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

HINKELAMMERT, Franz J. *Hacia una crítica de larazón mítica: el labirinto de la modernidade*. México: Editorial Driada, 2008.

IBGE. *Dados estatísticos sobre religião no Brasil*. Brasília, 2010.

LIMA, Délcio Monteiro de. *Os demônios descem do norte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1987.

- MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.
- MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial: O homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1973.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados de religião*, 18 (52): 121-138, 2004.
- MARIN, Jérri Roberto, A Assembleia de Deus nos anos de 1990: a “Década da Colheita”. *Revista Horizonte*, 12 (34): 436-464, 2014.
- MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- OLIVEIRA PINTO, Tiago de. Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. *Revista de Antropologia*, 44 (1), 2001.
- PASSOS, João Décio. *Movimentos do Espírito: Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. Paulinas: São Paulo, 2005.
- PASSOS, João Décio. Teogonias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. *São Paulo em Perspectiva*, 14 (4): 121-8, 2000.
- PORTELLA, Rodrigo. Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: sobre o poder simbólico das representações pentecostais. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, 6 (1): 3-15, 2012.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ROLIM, Francisco C. *O Que É Pentecostalismo*. São Paulo: Editora Brasilense, 1987.
- ROLIM, F.C. *Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice. O social e o político na transição pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1997.
- SILVA, Gilson Vieira da; SILVA, Joran Ferreira da. *Sabor de Mel*. EMI Music Publishing, BMG Rights Management US, LLC, 2012.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WESTHELE, Vítor. “Teologia e Pós-modernidade”. In: MARASCHIN, Jaci (org.). *Teologia sob limite*. São Paulo: ASTE, 1992. pp. 143-166.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
*artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).*
*Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site*